



Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias		Dólar	Últimos	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
7,7% São Paulo	0,18% Nova York	186.340 30/9	R\$ 5,00 (-4,12%)	28/setembro 5,226 29/setembro 5,217 30/setembro 5,175 1/outubro 5,220 2/outubro 5,216	R\$ 1.621	Comercial, venda na segunda-feira R\$ 5,612	Ao ano 13,65%	Prefixado 30 dias (ao ano) 13,64%	IPCA do IBGE (em %) Abril/2026 0,67 Maio/2026 0,58 Junho/2026 0,16 Julho/2026 0,07 agosto/2026 -0,32



Embalado pelas urnas, Ibovespa dispara 7,7%

A reação do mercado vem após o presidencial Flávio Bolsonaro superar o presidente Lula no resultado das urnas no primeiro turno, decidido no domingo. O pregão da Bolsa encerrou acima dos 200 mil pontos, e o dólar, valendo R\$ 5

» RAPHAEL PATI
» PEDRO JOSÉ BORGES

O mercado financeiro registrou, na sessão de ontem, reação eufórica ao resultado do primeiro turno da eleição presidencial. O Ibovespa ultrapassou, pela primeira vez, a marca dos 200 mil pontos, encerrando o dia com crescimento de +7,7%, aos 206.911 pontos, após ter alcançando a máxima de 209,6 mil pontos. O dólar comercial também registrou forte queda. A moeda recuou 4,71% na abertura e passou a ser negociada entre R\$ 4,95 e R\$ 4,98, encerrando em R\$ 5.

A euforia do que foi conhecido como “Flávio day” foi atribuída ao resultado das urnas na corrida presidencial, com o senador Flávio Bolsonaro (PL) terminou a primeira etapa da disputa na liderança, com 47,03% dos votos válidos, enquanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) obteve 45,16%. Os dois candidatos disputarão o segundo turno. Entre as ações negociadas na B3, os papéis da própria B3 e da XP registraram altas superiores a 20%. Entre os grandes bancos, Bradesco, Banco do Brasil e Itaú avançaram entre 10% e 13%.

No mesmo dia, o câmbio também foi favorável ao real. A cotação do dólar comercial cedeu 4,12% nesta segunda-feira, e a moeda norte-americana encerrou o pregão sendo vendida a R\$ 5. O movimento fica ainda mais impressionante tendo em vista que, no exterior, a divisa dos EUA se valorizou ante outras cotações, com o Índice DXY fechando o dia em alta de 0,21%. O resultado da bolsa e do dólar no primeiro dia da semana torna impossível dissociar esses movimentos com o primeiro turno das eleições, domingo.

Apesar de ter sido uma surpresa para a campanha de Lula, o mercado já trabalhava com a eleição de Flávio como um cenário mais provável, de acordo com os principais bancos de aposta (benchmarks) no exterior, que desde meados

de setembro já apontavam favoritismo do candidato do PL. Na Polymarket — uma dessas plataformas —, Flávio aparece com 83% de chance de vitória contra 17% do petista, após o resultado do 1º turno. É bom ressaltar que esses indicadores não representam pesquisas eleitorais e refletem apenas a percepção de agentes do mercado em relação ao cenário atual.

A valorização acima do normal do Ibovespa nesta segunda-feira está longe de ser um movimento isolado, quando se observa os dias que se seguiram ao primeiro turno das eleições presidenciais em anos anteriores. Em 2022, inclusive, após o resultado que confirmou Lula à frente de Jair Bolsonaro, o principal índice da B3 registrou um crescimento de 5,54%. Em 2018, na eleição que consagrou Bolsonaro como presidente, a valorização havia sido de 4,57%, enquanto em 2014, com Dilma Rousseff (PT) à frente da corrida naquela ocasião, o Ibovespa cresceu 4,72%. O dia seguinte à eleição de 2026, portanto, também indica um recorde de alta da bolsa de valores se comparado às edições anteriores.

Um levantamento realizado pela Elos Ayta Consultoria indica, ainda, que o Ibovespa superou o pico histórico de 2008, mesmo descontada a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Ao considerar esses efeitos, o maior patamar do principal índice da B3 havia sido de 201 mil pontos em 20 de maio de 2008, enquanto que, nesta segunda-feira, ultrapassou os 206 mil pontos. No caso do dólar, foi a maior queda diária desde 25 de setembro de 2015, quando recuou 5,89%, e a segunda maior desde 2010.

Expectativas

Na visão do analista de investimentos Felipe Sant’Anna, o mercado já trabalhava com a possibilidade de que Flávio chegasse à frente do Lula em um eventual segundo turno. Segundo ele, o cenário estava ‘dentro dos cálculos’, mesmo

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Para analistas, as apostas são de redução da Selic pelo BC em uma eventual vitória bolsonarista, já que a tendência é de contenção de gastos



O discurso do candidato Flávio Bolsonaro vem justamente almejando os cortes dos gastos públicos, redução dos ministérios, reequilíbrio fiscal, mais disciplina na questão do teto do gasto”

Renan Silva, economista-chefe da Bluematrix Asset

com a maioria das pesquisas de intenção de voto indicarem Lula numericamente acima de Flávio até a véspera do primeiro turno. “Alguns bancos também já tinham esse cálculo. Só que para a imprensa eles ficaram: ‘não, estamos vendo, estamos aguardando’ e tudo mais”, comenta.

Apesar da elevação abrupta dos gastos, principalmente em razão da pandemia de covid-19, Sant’Anna acredita que o mercado vê Flávio como uma continuação do governo do pai no sentido de adotar uma política mais austera em relação ao controle das despesas e receitas. “Foi um governo economicamente melhor do que o do governo Lula. Até porque nós temos vários indicadores hoje no governo Lula que a gente sabe que são artificiais, estão mascarados.

Por exemplo, a inflação e a taxa de desemprego”, avalia.

Apesar de ser mais cético por uma solução imediata, o mercado acredita que ‘pior não fica’, na visão do economista-chefe da Bluematrix Asset, Renan Silva. “O discurso do candidato Flávio Bolsonaro, conjuntamente com a sua pretensa ministra, a Daniella Marques, vem justamente almejando os cortes dos gastos públicos, redução dos ministérios, reequilíbrio fiscal, mais disciplina na questão do teto do gasto. É muito provável que volte o teto do gasto, como ele era originalmente”, destaca o economista.

Apesar do movimento abrupto da Bolsa e do câmbio, o economista e diretor da VLGI Asset, Matheus Portela, pondera que, por enquanto, isso seria apenas uma

reprecificação de expectativa, e não de fundamento. “Entre sexta e hoje (ontem), nada na economia mudou: dívida em 82,9% do PIB, resultado primário negativo, PIB projetado em 1,85% para 2026. O que mudou foi o prêmio de risco político, e a expectativa é volátil nos dois sentidos”, considera o especialista.

Segundo Portela, a sustentabilidade desses indicadores depende de três situações: o resultado do segundo turno em 25 de outubro, a definição da equipe econômica e da agenda fiscal, e a confirmação pelos dados. “Se o real mais forte se sustentar, ele alivia a inflação e abre espaço para o Banco Central cortar a Selic mais rápido. O Morgan Stanley projeta o Ibovespa em 250 mil pontos no cenário mais otimista. Mas são premissas que ainda precisam se confirmar”, pondera.

Arquivo pessoal



Para Mônica, economia não será prioridade de um eventual governo Flávio

» ROSANA HESSEL

O resultado das urnas, no último domingo, pode colocar em xeque a Constituição de 1988, que completou 38 anos ontem, e a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), de 2001, de forma definitiva. A opinião é da escritora e economista Mônica de Bolle, pesquisadora senior do Peterson Institute for International Economics (PIIE), think-tank baseado em Washington.

A economista destaca que a política econômica vai estar em risco, diante da perspectiva de perda de credibilidade das instituições da República, como o Supremo Tribunal Federal (STF), atolado na crise institucional que pode comprometer o futuro do país, especialmente no contexto das conquistas sociais

da Constituição de 1988. “Para além do fato de que o que que é a proposta do Flávio Bolsonaro para a economia é a do (presidente da Argentina, Javier) Milei, como é que ele vai sair cortando o gasto? Vai afundar o país em recessão no ano que vem”, alertou. “Neste momento, a economia está em segundo plano, porque ainda não sabemos qual vai ser o futuro das instituições no Brasil. A política econômica está em suspensão”, alertou.

De acordo com De Bolle, agora, falar sobre planos econômicos e sobre a situação econômica ignorando esses marcos constitucionais será “um erro grave”, porque “nenhuma política econômica vai ser erguida fora de um marco institucional”. “Precisamos, antes de mais nada, saber quais são as instituições

que o país vai ter, em que medida, elas vão ser sólidas o suficiente, para então, poder discutir política econômica e rumos de política econômica”, ressaltou. “Sem o marco institucional, sem saber o que que ele é, a gente não consegue discutir nada. E eu acho que precisamente o que tem ocorrido nessas eleições e nessa reta final da campanha é que a imprensa e outros formadores de opinião pública falharam em comunicar para o eleitor em dar as claras para o eleitor que o que está em jogo é o projeto do que o Brasil vai ser”, complementou.

Risco

Para a economista, esse risco constitucional é o ponto mais importante que deve ser colocado

no resultado das eleições de domingo. “Vimos a vitória do bolsonarismo, tanto no Congresso quanto nas corridas para governador nos estados diversos. “Nós estamos tratando de escolher um marco institucional para o país, ou seja, se ele continuará sendo delineado na Constituição de 1988 ou vai ser o marco institucional governado pelo bolsonarismo que, com Flávio Bolsonaro no poder, terá a capacidade de diluir tudo o que temos na Constituição atua”, afirmou.

“O mais importante no segundo turno no Brasil é praticamente um segundo turno existencial. Vamos escolher os tipos de instituição, de país, de marco institucional nós queremos ter, no final das contas”, acrescentou.